

VIAGENS MARÍTIMAS E DESCOBERTAS GEOGRAFICAS NOS SÉCULOS XVI A XVIII

Maria Analiene Dos Santos Sousa (bolsista/PIBIC-UFPI) Francisco de Assis Veloso Filho (Orientador Depto. de Geografia e História – UFPI)

INTRODUÇÃO

Este relatório de pesquisa de iniciação científica apresenta os estudos referentes ao plano de trabalho, que tem por objetivo identificar e caracterizar as navegações marítimas e os avanços nas explorações geográficas durante os primeiros séculos da época moderna, baseados nos descobrimentos resultantes do século XVI.

METODOLOGIA

Para um melhor entendimento focou-se nesta pesquisa os objetivos dos exploradores e os resultados de suas viagens em busca de novas rotas comerciais. Para isso foram selecionadas obras com abordagens sobre as explorações dos séculos XVII e XVIII através da revisão da literatura na área de história do pensamento geográfico: Fernandez-Armesto (2009), Clozier (1988) e Lencione (2003); e pesquisa em sites da internet relacionados ao tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os séculos XVII e XVIII o principal objetivo dos exploradores era o de encontrar o continente austral, a passagem norte e explorar o interior dos continentes. Com o objetivo de encontrar a passagem norte os exploradores tinham como pretensão atingir o oceano Índico pelo norte da América através da passagem do Noroeste ou pelo o Norte da Ásia através da passagem do Nordeste. Esses dois séculos foram caracterizados por três desafios: o primeiro desafio era o desejo dos exploradores de descobrir uma passagem norte, com o objetivo de facilitar as navegações e as relações comerciais com a Índia através da passagem noroeste pelo norte da América ou através da passagem nordeste pelo norte da Ásia. O segundo desafio era o de descobrir um continente denominado durante muitos séculos de Terra Austral e que segundo os exploradores cobria todo à parte sul do globo terrestre e de acordo com suas dimensões deveria ser diversificado em recursos naturais prontos para serem explorados.

O terceiro desafio foi o de explorar o interior dos continentes que foram descobertos naquele período. Entre os séculos XVII e XVIII pouco se conhecia sobre o interior dos continentes. Em três viagens de 1576 a 1578, Martin Frobisher com a intenção de descobrir a Passagem Noroeste encontra a entrada para a baía de Hudson ao norte do Labrador. As esperanças ativadas por Frobisher foram desmentidas assim que as explorações holandesas se iniciaram com Henry Hudson, Robert Bylot e William Baffin, entre 1610 e 1616. Foi preciso que os holandeses comesçassem as explorações para que a marinha inglesa retomasse com seus objetivos de encontrar a Passagem Noroeste.

Não foram apenas franceses e ingleses os únicos a alimentarem a persistência de que estavam próximos da costa do pacífico, os espanhóis do novo México seguiam a mesma linha de pensamentos. A exploração da região situada entre Pimeria Alta e o pacífico foram obra de um frei que se chamava Eusébio Del Kino, suas viagens tinham como objetivo levar a cristandade para o sudoeste dos Estados Unidos. Desde então se tornaram conhecidas duas rotas, a que cruzava o deserto de Caboca a Yuma, ligando o vale do rio Concepcion ao do Gila; e a que seguia dos cursos do Gila e do Colorado até o fundo do golfo da Califórnia.

No início do século XVII persistiu a crença em que o Pacífico era muito estreito. Armesto-Fernandez coloca que: Um Pacífico estreito era necessário para reduzir o mundo a dimensões aceitáveis, manter a simetria com o Atlântico e garantir os direitos do reino da Espanha sobre as molucas. Os teóricos inferiam a existência da Terra Australis que segundo eles seria a quinta parte do mundo desde 1541 ela já aparecia no globo de Mercator e de outros cartógrafos, fato esse que levava em consideração o modo como as terras e as águas se distribuíram na superfície do planeta. Os Descobrimentos marítimos europeus contribuirão decisivamente para que aquele mito se difundisse e continuasse se transformando entre os navegadores da época. Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio aparecerão entre os primeiros modernos crentes na existência de um continente austral. À medida que as navegações avançam para sul, multiplicam-se os pretextos físicos para reconhecer qualquer região do continente desconhecido.

A partir de 1639, os holandeses começaram a explorar os mares próximos do litoral japonês, relutavam a existência do continente australiano que foi denominado durante muito tempo de Nova Holanda. De 1616 a 1627, eram descobertas as costas ocidentais da Austrália. Abel Tasman, que era um explorador holandês a serviço da Companhia Holandesa das Índias Orientais, alargava em 1643 o conhecimento da Oceania até a Tasmânia e à Nova Zelândia. Nessa época os holandeses não estavam interessados em encontrar a Terra Australis mais sim em encontrar uma rota para o cone Sul americano sendo este considerado como uma forma de facilitar a locomoção de suas atividades comerciais.

Passaram-se dez anos até que a investigação sobre os mitos da Terra Australis e da passagem do noroeste tornou-se o objetivo de um explorador e oficial da marinha britânica James Cook que em 1768, foi encarregado de dirigir uma expedição ao sul do Pacífico. Em seguida partiu para a Nova Zelândia e fez levantamentos de sua costa, depois aportou na costa oriental da Austrália, na baía onde atualmente se encontra Sydney. Em sua segunda viagem Cook teve como objetivo resolver a questão do continente austral, porém não obteve sucesso. Em sua terceira viagem teve como missão descobrir a passagem do Atlântico para o Pacífico, através das regiões boreais ele alcança o Pacífico passando pelo Estreito de Bering, no entanto, se recusa a procurar a Passagem do noroeste.

CONCLUSÃO

Durante os primeiros séculos da época moderna muitos mapas foram sendo confeccionados a partir dos resultados obtidos com as explorações geográficas nos séculos anteriores. Baseados nessas descobertas, as navegações marítimas e as explorações dos continentes, ao lado dos avanços nos campos da ciência e da tecnologia, permitiram um conhecimento mais completo da superfície do planeta. Novas interpretações foram sendo elaboradas, construindo a base da visão que hoje se tem do mundo.

Palavras-chave: Descobrimientos. Explorações geográficas. Viagens marítimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLOZIER, René. *História da Geografia*. Tradução Ana Rabaça. 3ª ed. Lisboa: Publ. Europa-América, 1988 (coleção saber).

COLONIZAÇÃO INGLESA E FRANCESA. Disponível em: www.geocities.yahoo.com.br Acesso em jun. 2009.

FERNANDEZ-ARRESTO, Felipe. *Os desbravadores: uma história mundial da exploração da terra*. Tradução Donaldson M. Garschagen-editora São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FRANÇA. Disponível em: <http://br.answers.yahoo.com> Acesso em jun. 2009.

HELIO, Mario. O desastre brasileiro. Disponível em: <http://www.continentemulticultural.com.br> Acesso em jul. 2009.

HENRY DAVIS. Cartographic Images. Disponível em <http://www.henry-davis.com/MAPS> Acesso em abr. 2010.

HISTORIA DO COLONIALISMO. Disponível em <http://www.klickeducação.com.br> Acesso em jul. 2009.

HISTÓRIA DA AUSTRÁLIA. Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br> Acesso em ago. 2009.

JAMES COOK. Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br> Acesso em ago. 2009.

LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo: ed. USP, 2003.

MAP FORUM. *Sebastian Munster (1488-1552)*. Disponível em: [HTTP://www.mapforum.com/10/10issue.htm](http://www.mapforum.com/10/10issue.htm). Acesso em: Ago. 2010

OLIVEIRA, Francisco Roque de. *Terra australis recenter inventa: o ressurgimento do mito da quarta parte do mundo na cartografia renascentista*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Colóquio "Português na Austrália", 2008. Disponível em <http://www.museudaciencia.pt>. Acesso em: jul. 2010

Ago.2009.AMAMOTO, Marta Matsue. Identidade e austeridade no espaço mítico do grande nord quebequense. Porto Alegre, 2007. Disponível em <http://www.ufrgs.br/ppgletras/defesas/2007>